

ENTRE APAGAMENTOS E DUPLA DISCRIMINAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES BISSEXUAIS SOB A PERSPECTIVA DO ESTRESSE DE MINORIAS¹

BETWEEN ERASURES AND DOUBLE DISCRIMINATION: EXPERIENCES OF BISEXUAL STUDENTS FROM THE PERSPECTIVE OF MINORITY STRESS THEORY

ENTRE BORRAMIENTOS Y DOBLE DISCRIMINACIÓN: EXPERIENCIAS DE ESTUDIANTES BISEXUALES DESDE LA PERSPECTIVA DE LA TEORÍA DEL ESTRÉS DE MINORIAS

Vinicius Cutrim²

Aline Menezes³

RESUMO: A permanência e as experiências de estudantes bissexuais no ensino superior brasileiro são atravessadas por formas específicas de discriminação que a literatura ainda trata de modo insuficiente. Este artigo analisou as experiências de nove estudantes bissexuais da Universidade Federal do Pará a partir de análise temática indutiva, discutindo os resultados à luz da Teoria do Estresse de Minorias e dos conceitos de bifobia e monossexismo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com roteiros semiestruturados. A análise gerou cinco temas: invisibilidade e apagamento identitário; dupla exclusão por bifobia dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+; gerenciamento situacional da identidade e seus custos psicológicos; a universidade como espaço ambivalente; e redes afirmativas como fatores protetores. Os resultados sugerem que os três processos centrais do estresse de minorias – estigma imposto, homo(bi)negatividade internalizada e ocultação da identidade – estão presentes nas trajetórias dos participantes e se articulam a um possível estressor específico da experiência bissexual: a exclusão epistêmica, caracterizada pela negação sistemática da legitimidade da orientação sexual bissexual. O estudo contribui com evidências qualitativas regionais para o debate sobre os limites e possíveis ampliações da Teoria do Estresse de Minorias quando aplicada à população bissexual no ensino superior.

Palavras-chave: Bissexualidade. Estresse de minorias. Ensino superior.

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestre e doutorando em Teoria e Pesquisa do Comportamento – Universidade Federal do Pará. Docente do curso de Psicologia da Universidade CEUMA.

³Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento – Universidade Federal do Pará. Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará.

ABSTRACT: The permanence and experiences of bisexual students in Brazilian higher education are shaped by specific forms of discrimination that remain insufficiently addressed in the literature. This article analyzed the experiences of nine bisexual students from the Federal University of Pará through inductive thematic analysis, discussing the findings in light of Minority Stress Theory and the concepts of biphobia and monosexism. Data were collected through semi-structured interviews. The analysis generated five themes: identity invisibility and erasure; double exclusion through biphobia within and outside the LGB community; situational identity management and its psychological costs; university as an ambivalent space; and affirmative networks as protective factors. The results suggest that the three central processes of minority stress — enacted stigma, internalized binegativity, and identity concealment — are present in participants' trajectories and articulate with a possible stressor specific to bisexual experience: epistemic exclusion, characterized by the systematic denial of the legitimacy of bisexual sexual orientation. The study contributes regional qualitative evidence to the debate on the limits and possible extensions of Minority Stress Theory when applied to bisexual populations in higher education.

Keywords: Bisexuality. Minority stress. Higher education.

INTRODUÇÃO

No Brasil, pessoas LGBTQIAPN⁴ seguem expostas a diferentes formas de violência, discriminação e exclusão social, que não se restringem a agressões físicas, mas incluem processos cotidianos de invalidação, estigma e sofrimento psicossocial (Benevides et al., 2022). Acompanhando a visibilidade política e social crescente dessa população, a produção científica sobre saúde mental e experiências de minorias sexuais no país tem se expandido de forma relevante nas últimas décadas (Cutrim et al., 2025; Ferreira, 2025; Santos, 2017). Entretanto, essa produção apresenta assimetrias internas significativas, já que entre os subgrupos que compõem a sigla LGBTQIAPN⁺, as pessoas bissexuais permanecem sistematicamente sub-representadas, tanto na pesquisa quanto nas políticas públicas, e suas experiências específicas raramente constituem o objeto central das investigações (Longhitano e Bortolozzi, 2022).

A bissexualidade – compreendida como o potencial de envolvimento sexual e/ou romântico com pessoas de mais de um gênero – é afetada por uma forma particular de estigma denominada bifobia, que opera em dois vetores simultâneos: no meio heterossexual, onde a identidade bissexual é frequentemente interpretada como promiscuidade ou instabilidade emocional, e no interior da própria comunidade gay e lésbica, onde é lida como indecisão ou como "fase" transitória rumo à homossexualidade (Jaeger et al., 2019). Esse duplo mecanismo

⁴ Sigla referente ao coletivo de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, Panssexual, Não-binárias e outras identidades dissidentes

de invalidação insere-se em uma estrutura social mais ampla denominada monossexismo – a crença de que apenas as orientações dirigidas a um único gênero são legítimas e coerentes – que produz o apagamento sistemático da identidade bissexual tanto nos espaços heterossexuais quanto nos homossexuais (Jaeger et al., 2019). Como consequência, pessoas bissexuais apresentam maiores dificuldades na construção de redes de apoio social, maiores índices de confusão identitária e menor revelação da orientação sexual quando comparadas a gays e lésbicas (Balsam e Mohr, 2007).

O ensino superior constitui um espaço de particular relevância para a compreensão dessas experiências. Frequentemente percebida pelos próprios estudantes como um ambiente de maior abertura e pluralidade em relação ao contexto familiar e escolar, a universidade revela, na prática, uma continuidade das lógicas discriminatórias da sociedade mais ampla (Cutrim e Menezes, 2026; Moretti-Pires et al., 2022). A cisheteronormatividade, estrutura social que naturaliza a heterossexualidade e a cisgeneridade como únicas formas legítimas de existência, organiza as relações institucionais, as interações entre pares e as práticas docentes, produzindo experiências cotidianas de exclusão que afetam o desempenho acadêmico, a saúde mental e a permanência de estudantes LGBTQIAPN+ (Feola e Santos, 2023). Para pessoas bissexuais em particular, esse ambiente pode intensificar a experiência de não-pertencimento duplo: a pressão por coerência identitária dentro de categorias monossexuais persiste mesmo nos espaços supostamente mais inclusivos da instituição universitária.

A esses desafios soma-se a especificidade do contexto amazônico. A produção científica sobre diversidade sexual no ensino superior brasileiro concentra-se predominantemente nas regiões Sul e Sudeste, tornando a região Norte um território pouco mapeado nesse campo (Gontijo e Erick, 2020). A Universidade Federal do Pará (UFPA), maior instituição de ensino superior da Amazônia brasileira, localiza-se em um contexto marcado por tensões entre a diversidade cultural característica da região e a persistência de estruturas conservadoras que atravessam tanto o espaço social quanto o ambiente universitário (Ferreira, 2025; Cavalcante, 2025). Estudos que tomem essa especificidade regional como dimensão analítica ainda são escassos, e investigações que, nesse contexto, focalizem especificamente pessoas bissexuais permanecem pouco frequentes na literatura nacional.

Para a compreensão dos impactos psicossociais dessa configuração de exclusões sobrepostas, a Teoria do Estresse de Minorias, formulada por Meyer (2003), oferece instrumental analítico consistente. O modelo propõe que pessoas pertencentes a minorias

sexuais estão expostas a estressores específicos (estigma imposto, homonegatividade internalizada e ocultação da identidade sexual) que se somam aos estressores cotidianos comuns a toda a população, comprometendo progressivamente o bem-estar psicológico e a saúde mental dos indivíduos (Meyer, 2003; Souza et al., 2022). Quando aplicada à população bissexual, entretanto, essa teoria exige ampliação: Feinstein e Dyar (2017) propõe que a bifobia e o monossexismo configuram estressores adicionais e específicos que o modelo original não previa plenamente, dado que a discriminação enfrentada por pessoas bissexuais não provém apenas do ambiente heterossexual, mas também da própria comunidade LGBTQIAPN+.

Esse cenário permite identificar lacunas relevantes na literatura: a ausência de estudos qualitativos que tomem pessoas bissexuais como sujeitos centrais de investigação; a escassez de pesquisas situadas empiricamente na região Norte do Brasil; e a necessidade de articulações teóricas que avancem para além do modelo clássico do estresse de minorias. Assim, este estudo teve como objetivo analisar as experiências de estudantes bissexuais da Universidade Federal do Pará, discutindo-as à luz da Teoria do Estresse de Minorias, da bifobia e do monossexismo.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, delineado com o objetivo de analisar experiências de estudantes bissexuais no contexto universitário amazônico. A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão de significados, vivências e processos sociais a partir da perspectiva dos próprios participantes, especialmente quando se investigam fenômenos marcados por dimensões subjetivas, relacionais e socioculturais (Gil, 2008; Minayo, 2014).

Participaram deste estudo nove estudantes de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Guamá, em Belém do Pará, que se identificaram como pessoas bissexuais. A seleção ocorreu por busca ativa e pelo critério de saturação de dados, considerando como critérios de inclusão: estar regularmente matriculado em curso de graduação da UFPA, ter idade igual ou superior a 18 anos e se autodeclarar bissexual no momento da entrevista. Participaram cinco mulheres e quatro homens cisgêneros, com idades entre 18 e 30 anos, vinculados a cursos de diferentes áreas do conhecimento.

As entrevistas foram realizadas individualmente, parte de forma presencial nas dependências do campus Guamá da UFPA e parte por videochamada, conforme a disponibilidade e a preferência dos participantes. O roteiro semiestruturado contemplou

questões sobre trajetória universitária, relações interpessoais, experiências de pertencimento e exclusão, vivências relacionadas à orientação sexual, percepções sobre o ambiente institucional e estratégias de enfrentamento diante de situações de discriminação, invisibilização ou apagamento identitário.

A duração de cada entrevista variou entre 40 e 60 minutos. As sessões foram gravadas em áudio, mediante consentimento dos participantes, e transcritas integralmente pelo pesquisador responsável com auxílio do aplicativo Meet Pulp. Posteriormente, as transcrições foram revisadas por meio da reescuta do material, com o objetivo de assegurar maior fidelidade aos relatos. A produção dos dados ocorreu ao longo de um mês, e o conjunto de entrevistas foi considerado suficientemente denso para a análise qualitativa proposta, em razão da recorrência de elementos temáticos nas narrativas e da consistência dos relatos em relação aos objetivos do estudo.

Para preservação do anonimato, os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos de P1 a P9. Considerando a sensibilidade do tema investigado, foram adotados cuidados adicionais para evitar a identificação indireta dos participantes, incluindo a supressão ou generalização de informações relacionadas a trajetórias pessoais, relações interpessoais, cursos ou situações institucionais específicas.

A análise dos dados seguiu os procedimentos da análise temática reflexiva, conforme proposta por Braun e Clarke (2006). O processo analítico foi operacionalizado em seis fases: (1) familiarização com os dados, por meio de leituras repetidas das transcrições; (2) geração de códigos iniciais, a partir da identificação de elementos semanticamente significativos nas narrativas; (3) busca de temas potenciais, por meio do agrupamento dos códigos em conjuntos de sentido; (4) revisão dos temas, considerando sua coerência interna e sua pertinência em relação ao conjunto do corpus; (5) definição e nomeação dos temas, mediante refinamento analítico; e (6) redação dos achados.

A abordagem indutiva foi adotada de forma deliberada, permitindo que os temas fossem construídos a partir das próprias narrativas dos participantes. A Teoria do Estresse de Minorias (Meyer, 2003) e os conceitos de bifobia e monossexismo foram utilizados como lentes interpretativas na discussão dos achados, não como categorias prévias de codificação. Desse modo, buscou-se preservar a centralidade dos relatos dos participantes, articulando-os posteriormente ao referencial teórico adotado. Após a codificação, houve a validação social dos achados por meio de feedback dos próprios participantes da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará (NMT/UFPA), sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 80226024.0.0000.5172, em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da realização das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise temática dos relatos dos nove participantes produziu cinco temas principais: (1) invisibilidade e apagamento – o não-lugar bissexual; (2) a dupla exclusão – bifobia dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+; (3) gerenciamento situacional da identidade e seus custos psicológicos; (4) a UFPA como espaço ambivalente; e (5) redes afirmativas como fatores protetores. A seguir, cada tema é apresentado a partir das narrativas dos participantes e discutido à luz da Teoria do Estresse de Minorias (Meyer, 2003) e dos conceitos de bifobia e monossexismo.

INVISIBILIDADE E APAGAMENTO: O NÃO-LUGAR BISSEXUAL

O primeiro tema emergiu de modo recorrente nos relatos dos participantes: ser bissexual produz uma sensação de não pertencimento a nenhuma das categorias sexuais socialmente reconhecidas. Diferentemente de gays e lésbicas, que mesmo diante das violências que enfrentam contam com uma identidade socialmente legitimada, os participantes descrevem a bissexualidade como uma existência situada em “limbo”, onde a própria legitimidade da orientação é sistematicamente questionada. P1 relatou: *"eu acho que não ter visibilidade... eu sinto uma invisibilidade muito grande, apesar de levar numa boa as brincadeiras, sempre tem aquela ideia de que a gente é confuso... parece que é uma questão de escolha... homem ou mulher."* A redução da bissexualidade a uma "questão de escolha" se relaciona ao que Jaeger et al. (2019) descrevem como o efeito estrutural do monossexismo: a crença de que apenas as orientações dirigidas a um único gênero são coerentes e existem de forma verdadeira. A invisibilidade bissexual opera de forma especialmente disfarçada porque não exige a ação explícita de um agressor identificável, ela se produz pela presunção generalizada da monossexualidade. P1 explicita esse mecanismo: *"é muito fácil se expor tendo um relacionamento heteronormativo, que aí ninguém vai ficar te questionando, porque já vão supor que você é hetero ou algo assim."*

Esse processo ajuda a entender como a bissexualidade vai sendo apagada nas relações cotidianas. A identidade da pessoa passa a ser lida a partir do gênero do parceiro ou da parceira com quem ela está naquele momento. Se está com alguém do mesmo gênero, é vista como lésbica ou gay; se está com alguém de outro gênero, é vista como heterossexual. Como discutido por Yoshino (2000 apud Cruz et al., 2022), esse apagamento não acontece porque a bissexualidade seja invisível por si mesma, mas porque há uma organização social que insiste em reconhecer apenas identidades monossexuais como legítimas. Assim, a bissexualidade deixa de ser reconhecida como uma orientação própria e passa a ser constantemente reinterpretada a partir do olhar dos outros.

Nessa esteira, P2 adiciona uma dimensão subjetiva importante: *"As pessoas têm uma absoluta certeza sobre a tua situação na tua vida e elas sabem. Mesmo que eu diga tudo, elas sabem. E eu achava desagradável as pessoas verem, com certeza, sobre a minha orientação sexual, porque nem eu tenho certeza sobre a minha própria."* Essa fala revela a profundidade com que a pressão social pelo enquadramento monossexual pode afetar o próprio processo de autoconhecimento do sujeito. Sob a perspectiva da Teoria do Estresse de Minorias (Meyer, 2003), o apagamento sistemático da bissexualidade configura uma forma de estigma imposto – não necessariamente violento, mas contínuo e estruturalmente ativo.

7

P1 aponta ainda para a reprodução da heteronormatividade no corpo docente: *"a gente percebe o tanto de professor que está na universidade... cis e que vivem num relacionamento hétero. Eu não acho que isso seja uma pura coincidência."* A percepção de baixa representatividade de identidades dissidentes entre docentes pode comunicar, ainda que silenciosamente, que determinadas existências seguem pouco presentes em espaços de autoridade acadêmica (Feola e Santos, 2023). Como afirma P1: *"às vezes tenho essa sensação de que a academia é para a gente, mas sempre com muito esforço."*

A DUPLA EXCLUSÃO: BIFOBIA DENTRO E FORA DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+

O segundo tema evidencia um processo particularmente relevante para a compreensão da experiência bissexual: a discriminação proveniente de dois vetores simultâneos, sendo eles o ambiente heterossexual e o da própria comunidade LGBTQIAPN+. Essa dupla exclusão, denominada bifobia por Jaeger et al. (2019), produz um estressor qualitativamente distinto daquele experimentado por gays e lésbicas, e é reconhecida pela literatura como elemento

central de um possível modelo próprio de estresse de minoria para pessoas bissexuais (Feinstein e Dyar, 2017). No ambiente heterossexual, a bifobia se manifesta principalmente como negação da identidade. P3 narra uma experiência exemplar: *"De homofobia? Eu acho que, no máximo, foram comentários de pessoas héteros sobre... Negando a minha bissexualidade, mesmo. Ou seja, eu me envolver com mais mulheres, eu ser lésbica."*

A lógica subjacente é a do monossexismo, já comentado anteriormente: ao se relacionar com mulheres, P4 é imediatamente relida como lésbica. Sua bissexualidade é tratada como equívoco a ser corrigido – negação que tem consequências sobre o reconhecimento identitário, o acesso a redes de apoio adequadas e a construção de vínculos autênticos. O estigma imposto, nesse caso, opera pela subtração: a identidade bissexual é apagada e substituída por uma identidade monossexual que o entorno considera mais aceitável.

Para além das situações envolvendo pessoas heterossexuais, as violências se seguem para dentro da própria comunidade, como coloca P1 (mulher cis), em relação a sua bissexualidade: *"dá um pouco de medo [se assumir], às vezes, porque dá um medo da invalidação, de 'ah, mas eu nunca te vi com uma mulher' (...) mas eu me canso de ter que ficar explicando, mesmo para pessoas que são da comunidade"*. O relato ilustra como a dissidência sexual, mesmo dentro da comunidade, pode ser mobilizada para práticas de exclusão e invalidação nas relações estabelecidas. Balsam e Mohr (2007) demonstraram que a dupla experiência de estigmatização tem consequências específicas: maior dificuldade na construção de redes de apoio, maiores índices de confusão identitária e menor revelação da orientação sexual, quando comparada à experiência de gays e lésbicas. Os dados aqui apresentados corroboram essa perspectiva, já que os participantes bissexuais descrevem um ambiente em que nem os espaços heterossexuais nem os espaços LGBTQIAPN+ oferecem pertencimento pleno e incondicional, configurando uma experiência de duplo não-pertencimento que o modelo original de Meyer (2003) não contempla integralmente.

GERENCIAMENTO SITUACIONAL DA IDENTIDADE E SEUS CUSTOS PSICOLÓGICOS

O terceiro tema mostra que a ocultação da identidade, discutida por Meyer (2003), também aparece nas experiências dos participantes, mas com algumas particularidades importantes. No caso da bissexualidade, esconder ou revelar a orientação sexual não depende apenas de uma decisão individual. Essa negociação muda conforme o contexto, as pessoas

presentes, o tipo de relação estabelecida e até o gênero do parceiro ou da parceira que está visível naquele momento. Assim, a ocultação funciona como uma estratégia de proteção, mas também pode produzir desgaste, porque exige que a pessoa avalie constantemente onde, quando e com quem pode ser reconhecida como bissexual.

Seguindo esse raciocínio, P1 descreve com precisão como opera esse gerenciamento: *"por muitos momentos, eu não conseguia falar em voz alta que eu sou bissexual."* O silêncio não é ausência de identidade, mas estratégia ativa de proteção diante de um ambiente que sistematicamente invalida essa identidade. A passabilidade emerge como dimensão central desse processo: *"acho que para mim é mais fácil por ser mulher cis, por me expressar como uma mulher cis, e tenho passabilidade sobre tudo isso, ser muito feminina. Eu sinto que eu fico imune a uma série de violências, e eu percebo isso quando eu estou com amigas que são desfem, e eu fico com medo por conta dos olhares, e eu fico pensando... se alguém me agredir, alguém vai intervir? Tem segurança? Eu acho que não."*

Essa fala revela um ponto importante: a passabilidade feminina cisgênera pode proteger P1 de determinadas violências, mas também pode funcionar como dispositivo de ocultação da bissexualidade. A proteção que a passabilidade oferece tem, portanto, um custo, já que ela também sustenta o apagamento da própria identidade. P3 articula o custo psicológico do gerenciamento identitário: *"E no que esteja a minha sexualidade, eu acho que eu me cobro muito. Talvez até de performar. Porque, enfim, eu tenho uma família mais velha. E aí, todos os dias eu me sinto atacada. Então, só de permanecer, sabe? Todo dia eu tenho que me reafirmar. E às vezes eu... É cansativo, mas... Eu me cobro."* Esse cuidado constante com a própria forma de se expressar mostra um custo importante do gerenciamento da identidade. A pessoa precisa avaliar, em cada contexto, se pode se colocar como bissexual sem ser questionada, invalidada ou exposta a alguma forma de violência. Esse processo produz desgaste porque transforma a própria presença em algo que precisa ser calculado o tempo todo (Meyer, 2003; Souza et al., 2022).

O relato de P8 sugere que a socialização conservadora pode contribuir para processos de binegatividade internalizada: *"Já tive uma época que eu era mais reprimido, principalmente porque eu tive uma criação bem conservadora, cristã [...] E aí eu me auto-reprimia. Só que aí eu fui fazendo terapia, fui vivendo outras coisas e eu consegui me libertar disso."* Além disso, P4 descreve o processo de autoaceitação: *"A autoaceitação foi um processo muito difícil pra mim. Tipo, eu negava, negava, negava, negava, e até chegava um momento que eu não devo chegar a negar porque tava muito na cara."* A negação reiterada evidencia a intensidade com que a binegatividade internalizada opera, retardando o reconhecimento e a expressão públicos da identidade (Balsam e Mohr, 2007).

No mais, P5 descreve a ocultação situacional: *"Eu me sinto mais à vontade com os meus amigos. A gente vai, anda pela orla, senta por lá, a gente conversa, a gente se expressa. E quando eu não tô com eles, assim, eu não sinto muito... muita vontade de me expressar."* A fragmentação espacial da expressão identitária é um indicador do que o modelo do estresse de minorias descreve como custo da ocultação: a impossibilidade de ser inteiro em todos os contextos. P4 oferece ainda uma dimensão específica ao curso: *"Eu não me sinto pertencente por causa do curso que eu faço. Assim... Tem que mudar, tem que adaptar quem você é, principalmente do Direito. Ao padrão que eles precisam."* No caso de P4, o curso de Direito aparece como contexto específico em que a adaptação a padrões normativos é percebida como condição de pertencimento.

A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO AMBIVALENTE: ENTRE A REPRODUÇÃO DA NORMA E A POTÊNCIA EMANCIPATÓRIA

O quarto tema revela que a universidade não pode ser descrita de forma unívoca como hostil ou acolhedora – ela é fundamentalmente ambivalente. Essa ambivalência emerge com consistência nos relatos: os participantes descrevem a UFPA como mais aberta do que outros contextos vividos anteriormente, ao mesmo tempo em que identificam nela a reprodução de estruturas discriminatórias, como discute Ferreira (2025). P7 enuncia a faceta positiva: *"hoje eu acho que é um ambiente mais acolhedor do que o resto da sociedade."* P6 é ainda mais enfática ao comparar o dentro e o fora: *"Na universidade eu consigo ser eu mesmo, entendeu? Embora eu ainda tenha coisas comigo, mas na universidade eu consigo ser eu mesmo. Agora fora, não."* E P9 nomeia a universidade com uma imagem expressiva: *"acho que aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar."* Essas falas revelam que os contextos anteriores à universidade, como família ou escola, por exemplo, foram percebidos como sufocantes ou hostis à expressão da bissexualidade.

A dimensão problemática da universidade também aparece de modo recorrente nos relatos. P4, por exemplo, descreve violência docente naturalizada: *"Muitos professores, dentro da sala de aula mesmo, são violentos e não acontece nada com eles."* P2 relata a convivência direta com um professor abertamente preconceituoso: *"Ah, eu tinha um professor que era um preconceituoso. Falava umas coisas muito horríveis na sala de aula. Ele foi embora, graças a Deus."* O desfecho narrado por P2 sugere ausência de uma resposta institucional claramente identificável à situação vivenciada, uma vez que a resolução aparece associada à saída do professor, e não a um mecanismo formal de responsabilização.

Além disso, P5 confirma a percepção de insegurança: *"Achei que o bullying ia terminar quando a gente saísse do ensino médio, mas ainda acontece aqui."* P5 também vivenciou a interseção entre LGBTfobia e racismo: *"Racismo eu ouvi e transfobia. Dentro do meu curso, ainda peguei, no segundo ano do meu curso, infelizmente a gente teve um professor que ele era racista, foi racista comigo e com outras pessoas de outro ano do curso."* Embora a interseccionalidade não constitua o eixo principal deste artigo, esse relato indica que as experiências de discriminação sexual podem se articular a outros marcadores sociais, como raça, curso e posição institucional (Costa et al., 2020).

P2 introduz a palavra "teoricamente" ao descrever a universidade: *"aqui é um lugar, um ambiente muito seguro pra você ser LGBT. Porque, teoricamente, aqui é o lugar da diversidade, da inclusão também. Aqui deveria ser um espaço, um espaço aberto para receber todo tipo de gente."* O advérbio pode sinalizar a distância entre o que a universidade se propõe a ser e o que efetivamente oferece (Moretti-Pires et al., 2022). P9 sintetiza a potência emancipatória da universidade: *"Então pra mim foi um espaço de potencializar e se permitir viver, na verdade. Porque antes não existia isso, antes era tipo assim, tudo para a sobrevivência."* A distinção entre "sobrevivência" e "viver" é carregada de sentido, visto que antes da universidade, a existência estava orientada por estratégias defensivas; na chegada a universidade, tornou-se possível, pela primeira vez, algo além da sobrevivência.

REDES AFIRMATIVAS COMO FATORES PROTETORES

O quinto tema evidencia que, mesmo diante dos múltiplos estressores descritos, os participantes constroem estratégias de enfrentamento e acessam recursos que funcionam como amortecedores de seu impacto. No modelo de Meyer (2003), esses recursos são denominados fatores protetores e incluem a conexão com a comunidade LGBTQIAPN+, a identidade de grupo positiva e as redes de apoio social. Assim, as redes de pares constituem o fator protetor mais mencionado. P1 descreve: *"eu me cerco de bastante gente que é da mesma comunidade. Tenho muitos amigos lgfts, a maior parte eu acho. Tenho outras amigas bissexuais, e lésbicas também."* A explicitação de "outras amigas bissexuais" é analiticamente relevante, pois ter pares que compartilham a especificidade da identidade bissexual – e não apenas a condição LGBTQIAPN+ de forma geral – reduz o isolamento produzido pelo apagamento. Nessa esteira, P6 descreve um efeito concreto das redes de pares na trajetória identitária: *"Acho que tem uma boa parcela de pessoas LGBT. Fico até feliz porque eu consigo conversar e tal. Consegui me*

sentir um pouco mais confortável. Na sala tem bastante gente. Foi até a partir disso que eu consegui me assumir. Eu me assumi quando entrei aqui." A assunção pública da identidade bissexual é aqui diretamente atribuída à existência de uma rede de pares LGBTQIAPN+ no ambiente universitário.

Contudo, P6 revela a assimetria persistente entre o dentro e o fora da universidade: *"eu ainda não assumi a minha família ainda. Porque, tipo, tem uma diferença do mundo daqui e do mundo lá de fora."* O *coming out*⁵ universitário e o *coming out* familiar operam em temporalidades e com riscos distintos. P4 identifica um espaço institucional específico de acolhimento: *"na liga acadêmica que eu participo. É um espaço muito confortável, muito acolhedor para se falar de pensamentos, sentimentos."* Esse recurso existe dentro da universidade, mas de forma autônoma – não como política institucional garantida, mas como iniciativa estudantil. P8 descreve a superação da repressão religiosa via terapia e convivência universitária: *"fui fazendo terapia, fui vivendo outras coisas e eu consegui me libertar disso."* A combinação de suporte clínico e contato com experiências diversas funcionou como fator protetor complexo, contribuindo para a superação da binegatividade internalizada.

É fundamental observar que os fatores protetores emergem nos relatos como conquistas autônomas e não como resultados de políticas institucionais afirmativas estruturadas. Os relatos sugerem que o ambiente universitário oferece condições para a formação desses laços, embora tal possibilidade não pareça decorrer necessariamente de políticas institucionais estruturadas.

SÍNTESE ANALÍTICA: O ESTRESSE DE MINORIAS NA ESPECIFICIDADE BISSEXUAL

A leitura articulada dos cinco temas a partir da Teoria do Estresse de Minorias (Meyer, 2003) e dos desdobramentos apresentados por Feinstein e Dyar (2017) permite interpretar que os três processos centrais do modelo (estigma imposto, binegatividade internalizada e ocultação da identidade) aparecem de modo consistente nas experiências analisadas. Contudo, os dados apontam para limitações do modelo original quando aplicado especificamente à população bissexual. O estigma imposto na bissexualidade manifesta-se de forma dupla: proveniente do

⁵ Coming out refere-se ao processo de reconhecimento e/ou comunicação da orientação sexual ou identidade de gênero em determinados contextos sociais. Trata-se de um processo situado, que pode ocorrer de modos diferentes conforme o espaço, as relações envolvidas e os riscos percebidos pela pessoa (Guittar, 2013).

ambiente heterossexual (negação e reinterpretação da identidade) e do interior da comunidade LGBTQIAPN+ (questionamento da legitimidade da orientação). Esse duplo vetor de estigmatização não está plenamente contemplado no modelo clássico. Nos relatos, a binegatividade internalizada aparece nos momentos em que os participantes falam de repressão, dúvida, negação e dificuldade de reconhecer a própria bissexualidade como uma experiência legítima. Não se trata apenas de esconder algo dos outros, mas também de lidar com marcas de uma história em que a bissexualidade foi muitas vezes tratada como confusão, fase ou inadequação. Ao mesmo tempo, a ocultação situacional se relaciona com a passabilidade: em alguns contextos, ser lido como heterossexual pode proteger de certas violências, mas também reforça o apagamento da identidade bissexual.

Além desses três processos, os dados e a literatura sugerem a relevância em considerar um possível estressor específico da experiência bissexual: a exclusão epistêmica, entendida como a negação da existência e legitimidade da própria orientação sexual como categoria (Yoshino, 2000 apud Cruz et al., 2022). Esse estressor opera de forma transversal aos demais e amplifica seus efeitos visto que, quando a orientação não é reconhecida como real, os estigmas a ela associados se tornam mais difíceis de nomear, contestar e superar. Nessa esteira, Feinstein e Dyar (2017) e Balsam e Mohr (2007) endossam a discussão de que a bissexualidade precisa de um modelo próprio de estresse de minoria que contemple o peso específico da dupla discriminação e do apagamento epistêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as experiências de nove estudantes bissexuais na Universidade Federal do Pará, a partir de análise temática indutiva e da Teoria do Estresse de Minorias. Os resultados indicaram que os processos centrais do modelo de Meyer (2003) aparecem de modo consistente nas narrativas dos participantes. Contudo, os dados também indicam limites do modelo original quando aplicado à experiência bissexual, sugerindo a pertinência de considerar um processo adicional, denominado na literatura de exclusão epistêmica, que consiste na negação sistemática da própria existência e legitimidade da bissexualidade como orientação sexual coerente. Esse processo opera transversalmente aos demais estressores, amplificando seus efeitos e dificultando que os participantes nomeiem, contestem e superem os estigmas que enfrentam.

A dupla exclusão sofrida por pessoas bissexuais proveniente simultaneamente do ambiente heterossexual e do interior da própria comunidade LGBTQIAPN+ configurou um dos principais achados analíticos deste estudo. Ela produz uma forma de não-pertencimento duplo que o modelo clássico do estresse de minorias, desenvolvido com foco em lésbicas e gays, não contempla adequadamente. Esse achado corrobora e enriquece com evidência qualitativa brasileira as proposições de Feinstein e Dyar (2017) e Balsam e Mohr (2007), que apontam para a necessidade de um modelo próprio de estresse de minoria para a população bissexual.

A UFPA revelou-se um espaço fundamentalmente ambivalente. Para a maioria dos participantes, a universidade representou o primeiro contexto em que a expressão bissexual tornou-se possível. Ao mesmo tempo, a reprodução de violências simbólicas por parte de docentes, a ausência de mecanismos institucionais efetivos de proteção e a distribuição desigual dos fatores protetores revelam que esse acolhimento é parcial, contingente e sustentado sobretudo pela agência dos próprios estudantes, não por políticas afirmativas estruturadas.

Do ponto de vista das implicações práticas, os achados indicam que intervenções institucionais voltadas à população bissexual precisam ir além da inclusão genérica na sigla LGBTQIAPN+. É necessário reconhecer a especificidade dos estressores enfrentados por esse grupo, por meio de ações como formação continuada de docentes sobre bifobia e monossexismo, criação de espaços de acolhimento e fortalecimento de políticas de visibilidade afirmativa no currículo e na vida universitária.

Este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A amostra compõe-se de nove participantes de uma única instituição, o que limita a generalização dos achados. A predominância de participantes autodeclarados brancos pode ter reduzido a expressão de intersecções com raça e classe nos relatos, aspecto que deve ser considerado na interpretação dos achados. Pesquisas futuras poderiam ampliar o escopo para outras universidades da região Norte, incluir análises comparativas entre bissexuais e outros subgrupos LGBTQIAPN+ do mesmo corpus e investigar especificamente as experiências de estudantes bissexuais não-brancos e de primeira geração universitária, populações cujas trajetórias interseccionais permanecem ainda pouco documentadas na literatura nacional.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

1. BALSAM, K. F.; MOHR, J. J. Adaptation to sexual orientation stigma: a comparison of bisexual and lesbian/gay adults. *Journal of Counseling Psychology*, v. 54, n. 3, p. 306-319, 2007. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.54.3.306>.
2. BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: 10.1191/1478088706qp0630a.
3. CAVALCANTE, A. V. C. de M. Ambiente nutridor e educação de refugiados: análise da experiência na educação superior. 2025. 126 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/items/od9792a4-aied-4b69-9f49-do514baf4do8>.
4. CRUZ, B. F.; LIMA, M. L. C.; CARNEIRO, L. R. C. Faces da bifobia dentro (e fora) da comunidade LGBTQIAP+: reflexões a partir de narrativas de pessoas bissexuais. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n. 38, e22207.a, 2022. DOI: 10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22207.a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/NP3S8R3yYnfHrpwFPVhDgVG/?lang=pt>.
5. CUTRIM, V.; BARTH, C. A.; MENEZES, A. B.; COSTA, T. D.; RAMOS, C. C. A relação entre diversidade sexual e saúde mental no ensino superior. *Caderno Pedagógico*, v. 22, n. 4, e14252, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n4-193. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/14252>.
6. CUTRIM, V.; MENEZES, A. Ambiente Nutridor e Diversidade Sexual no Ensino Superior: Vivências na Universidade Federal do Pará. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. e262247, 2026. DOI: 10.31505/rbtcc.v28i1.2247. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/2247>. Acesso em: 22 jul. 2026.
7. FEINSTEIN, B. A.; DYAR, C. Bisexuality, minority stress, and health. *Current Sexual Health Reports*, v. 9, p. 42-49, 2017. DOI: 10.1007/s11930-017-0096-3. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s11930-017-0096-3?utm_source=researchgate.net&utm_medium=article.
8. FEOLA, L. A.; SANTOS, A. E. C. Pessoas LGBTQ+ e suas vivências educacionais no ensino superior: reconhecendo violências. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 14, n. 1, p. 178-203, 2023. DOI: 10.5212/Rlagg.v.14.11.0010. disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/pt_BR/article/view/21008.
9. FERREIRA, V. C. “Aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar”: ambiente nutridor e diversidade sexual: vivências de pessoas lésbicas, gays e bissexuais na Universidade Federal do Pará. 2025. 135 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) – Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/items/deao42fc-72a1-4db6-a13f-c284fa16037a>.
10. GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

11. GONTIJO, F. S.; ERICK, I. Diversidade sexual e de gênero e pertencimento étnico na Amazônia brasileira. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 1, p. 57-80, 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/821>.
12. GUITTAR, N. A. The meaning of coming out: from self-affirmation to full disclosure. *Qualitative Sociology Review*, v. 9, n. 3, p. 168-187, 2013. Disponível em: <https://czasopisma.uni.lodz.pl/qualit/article/view/11611>
13. JAEGER, M. B.; LONGHINI, G. D. N.; OLIVEIRA, J. M. C.; TONELI, M. J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. *Periódicus*, v. 2, n. 11, p. 1-16, 2019. DOI: 10.9771/peri.v2i11.28011. disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011>.
14. LONGHITANO, B.; BORTOLOZZI, A. C. Bissexualidade na pesquisa: estudo de revisão sistemática da literatura. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades: Revista Pemo*, v. 4, e49131, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/9131>.
15. MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003. DOI: 10.1037/0033-2909.129.5.674. disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2072932/>.
16. MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
17. MORETTI-PIRES, R. O.; VIEIRA, M.; FINKLER, M. Violência simbólica na experiência de estudantes universitários LGBT. *Saúde e Sociedade*, v. 31, n. 4, e200662pt, 2022. DOI: 10.1590/S0104-12902022200662pt. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/PYLN3tMZ5Yk3SYGdx59NmQL/?lang=pt>.
18. SANTOS, J. B. dos. Estudantes LGBT no âmbito universitário: da permanência à resistência. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2017, [...]. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47341>.
19. SOUZA, J. dos S.; MARQUES, J. M.; SCANAVINO, M. de T.; ZAMIGNANI, D. R.; COSTA, A. B. Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: uma análise comportamental a partir da teoria do estresse de minorias. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, ed. esp., p. 069-085, 2022. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/836>.